



Depois de montar barricadas e colocar fogo em pneus, moradores da invasão do Lixão ocupam a pista da Via Estrutural para enfrentar a tropa de choque da Polícia Militar. A negociação conseguiu evitar o confronto

Ataque de invasores reabre guerra

Moradores reagem à ação de fiscais, que tentam impedir entrada de material para novos barracos, e enfrentam a PM

CARLOS TAVARES

“Daí pra trás! Daí pra trás! Não se aproximem, não quero ver isso aqui virar uma pastelaria de sangue”, gritava o coronel Luis Roberto Gomes Bichara, sub-comandante da Polícia Militar. Ele não se dirigia à multidão de moradores do Lixão, concentrada embaixo do viaduto da via Estrutural, mas sim aos seus próprios homens, cerca de 80 policiais do Pelotão de Choque da PM, fortemente armados. O confronto estava iminente. Os policiais se preparavam para engatilhar escopetas calibre 12, revólveres e metralhadoras. O cenário era de guerra mesmo. À sua frente, uma barreira humana formada pelos invasores, armados de paus, facas e barras de ferro, avançava aos gritos em direção aos veículos e tropas da PM.

Eram 15h55. O coronel Bichara parecia desesperado, mas firme. Conseguiu controlar os policiais às 16h00. Uma hora e dez minutos antes, às 14h50, ocorreu o primeiro confronto no interior da nova Estrutural, a favela do Lixão. O sargento Lopes da PM, acuado por um grupo de cerca de 50 pessoas, entre homens e mulheres, disparou três tiros - um de alerta, para o alto; os outros dois para baixo, atingindo o pé do morador Praxedes Bezerra Filho. Uma das balas resvalou e acertou, de raspão, o peito direito de Sebastião de Souza, 58 anos, há dois anos na Estrutural.

“Eu tinha de me defender, meus outros três colegas estavam distantes, e os moradores estavam fora de controle”, justificou-se o sargento. Praxedes foi atendido no Hospital Regional do Guará e depois transferido para o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN).

Na hora do tumulto, lembra o



CONFRONTO NA ESTRUTURAL

sargento, o grupo avançou em sua direção. Ele tropeçou em um pneu, caiu de costas e se ergueu em seguida já de arma em punho. “Não tinha outro jeito, dei dois tiros de alerta. Dizem que um deles pegou no mais afoito”. Mas pela versão de Edna de Souza e de Sebastião, foram três tiros disparados pelo policial.

Conflito - Às 13h30 um caminhão da Madeireira Neves estacionou na frente de um dos barracos da Estrutural. O motorista e os ocupantes do barraco estavam descarregando o material quando os fiscais Cláudio Martins, do Idhab, e Fábio Silveira, da Administração do Guará, abordaram moradores e motorista. Nisso, a líder dos favelados, Marlene Mendes, tomou as notas fiscais das mãos dos funcionários e a confusão começou.

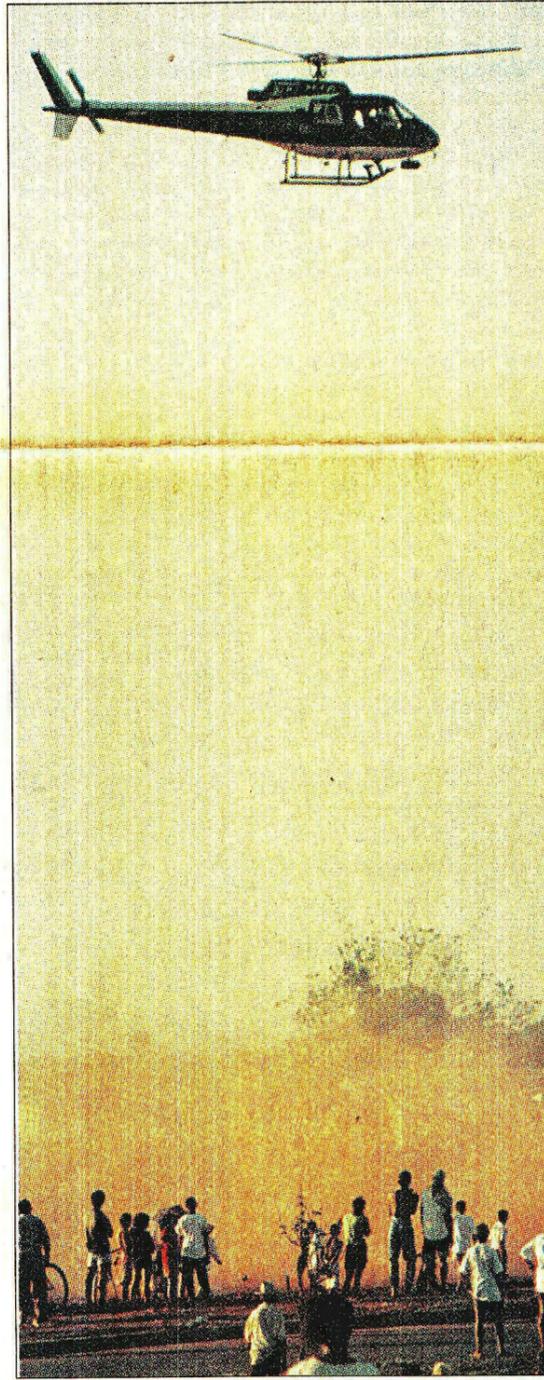
Pelo relato do cabo Badú e do sargento Lopes, os moradores cercaram os fiscais. Com medo, eles (os fiscais) procuraram se proteger no posto de controle do Siv-Solo que fica em um trallier dentro da favela. Havia, segundo Lopes, quatro policiais da PM e três do Siv-Solo. Quando os fiscais e PMs se refugiaram no posto, os moradores começaram a depredar o trallier com pedaços de pau, ferro, tijolos e pedras.

As pedras, segundo Cláudio Martins, atingiram dois fiscais da Administração do Guará e um dos PMs, nos dedos. Em seguida, fiscais e soldados foram resgatados do posto por dois carros da polícia. Mas o sargento Lopes ficou para trás. “Pedi calma, mas eles já tinham tocado fogo no posto e vinham prá cima de mim”. Quando o sargento contou a sua história, os moradores já haviam recuado, o pelotão de choque preparava-se para deixar o local. Eram 17h50.

Geraldo Magela



José Reis



Armados com paus, os moradores da invasão estavam dispostos a resistir à PM, que usou até helicóptero na operação